

O TIRO CIVIL

Órgão dos Atiradores Civis e Caçadores Portuguezes

PROPRIETARIOS: — Anselmo de Souza e Palermo de Faria

Publicações	
Anuncios, cada linha, typo commum	20 réis
Comunicados	60
Reclamos	100
Artigos	200

LISBOA

Quinta feira 28 de maio de 1896

Assignaturas	
Lisboa, série de 12 numeros.....	300 réis
Provincias, séries de 24 numeros....	600
Numero avulso.....	50
Paizes da união postal, 24 numeros..	1.500

RESUMO

Concurso internacional de tiro: Lisboa, 1897.—A fortificação improvisada e o tiro moderno, por Miguel Garcia.—Associação dos Atiradores Civis Portuguezes—Club dos Caçadores do Porto: escola de tiro, por Baptista de Sá.—Carreira de tiro.—A espingarda Cei.—O defeso.—A força das espingardas.—Os dez mandamentos do caçador ao seu cão.—A bayoneta Lebel.—Applicação da electricidade.—Desafio de tiro á bala, por Baptista de Sá.—Novo armamento italiano.—Legislação sobre o tiro: regulamento provisório da carreira de tiro da escola do exercito.—O rouxinol.—Bibliographia.

CONCURSO INTERNACIONAL DE TIRO

LISBOA — 1897

Não tem o menor fundamento a noticia publicada em alguns periodicos de Lisboa, dizendo, que não se realisaria o concurso internacional de tiro, por motivos de ordem economica.

O projecto de melhoramentos a fazer na carreira de tiro da guarnição de Lisboa, em Pedrouços, apresentado como dissemos, pelo sr. capitão Alberto Vergueiro e discutido pela commissão especial encarregada da organização do concurso, foi com o respectivo orçamento enviado á commissão executiva do centenario, onde foi muito bem recebido, mas ainda não se discutiu.

As despezas precisas para tornar a carreira de tiro da guarnição de Lisboa apta para um grande concurso de tiro, são relativamente insignificantes e absolutamente indispensaveis, pois o actual espaço é em demazia acanhado e não permitiria por isso que as receitas de entradas attingissem as proporções que devem esperar-se e que diminuirão os encargos.

E, devemos dizel-o, tudo quanto se faça em beneficio do tiro nacional é pouco, pois, sem nos collocarmos sob o ponto de vista do exclusivismo, é incontestavel que precisamos habilitar-nos para a defeza da Patria, não com simples protestos ou rhetoricas mais ou menos rendilhadas, e de maior ou menor effeito, mas com instrucção militar regular e cuidada, unica que nos póde habilitar a repellir affrontas e a castigar insultos, unica tambem que nos dará occasião para mantermos illeso o nosso bom nome, as nossas tradições e o nosso territorio.

O tiro nacional é uma d'estas instituições que deve ser auxiliada e protegida por todos quantos presam o nome portuguez; ha n'esta idéa generosa e boa tudo quanto precisamos para readquirir o prestigio que perdemos e as forças que deixámos esgotar pela indifferença a que votámos tudo e todos, sem olharmos ao dia d'amanhã, vendo augmentar as difficuldades e os perigos, sem cuidarmos de evitar que se aggravassem por fórma a lançar-nos n'um pégo profundissimo, de que só poderíamos sahir

á custa de muitos sacrificios e de muitas lagrimas.

O tiro nacional hade desenvolver-se, acreditamol-o, e quando attingir as proporções que tem no Transvaal e na Suissa, quando o nosso paiz souber collocar ao lado da força publica o povo inteiro, conscio da sua aptidão, e portanto da sua força, não haverá que recear affrontas, nem que temer insolencias, porque poderemos repellil-as com a serenidade de quem está certo do que é e do que vale, e convictos de que a defeza da Patria é, de todos, o mais sagrado dos deveres.

E sentimos-nos magoados, profundamente tristes, quando vémos alguém lembrar-se de que para nada serve e para nada vale uma instituição sincera e altamente patriótica e ácerca d'ella se permittem ainda, os que de portuguezes nem o nome deveriam ter, umas graçolas de mão gosto e uns ditos venenosos na essencia e pouco delicados na fórma, pretendendo desvirtuar as mais generosas intenções e os mais nobres desejos pelos processos e pelos systemas que de ha muito se tornaram vulgares entre nós, e que tem levado o paiz inteiro a esse cumulo de indifferentismo que ameaça aniquillar-nos.

Felizmente ha ainda quem proteste e quem reaja, e bem hajam aquellos que se compenetrarem do que podemos e devemos ser no convivio das nações se soubermos seguir o bom caminho.

O concurso internacional de tiro realisar-se-ha, temos essa convicção, e será o inicio d'uma propaganda util, generosa, desinteressada e sobretudo patriótica. Auxiliem nos os que são verdadeiramente portuguezes e tanto bastará.

Palermo de Faria.

A FORTIFICAÇÃO IMPROVISADA

E O TIRO MODERNO

(Continuado do n.º 64)

V

Os nossos artigos, pelo que diz respeito á ferramenta de infantaria, versarão ácerca dos utensilios portateis adoptados no exercito francez e sobre as duas pás de cabo curto, Linnemann, usada por grande numero d'estados europeus, e Wallace usada pela infantaria ingleza e ambas bem conhecidas por todos os officiaes d'engenharia do nosso exercito e por grande numero de camaradas nossos d'infanteria.

Tanto a Linnemann como a Wallace, foram por nós estudadas em Tancos, na primavera de 1883 quando alli dirigimos os trabalhos de fortificação de campanha, executados pelo contingente d'infanteria 16, de que faziamos parte como alferes, debaixo da inspecção do distin-

ctissimo então capitão d'engenharia o ex.^{mo} sr. Duval Telles, hoje coronel, ajudante de campo de S. M. El Rei.

Com ambas fizemos a construcção das trincheiras-abrigos e dos abrigos para atiradores então em ensaios e hoje tornados regulamentares no manual do sapor d'infanteria.

Estudaram-se as duas pás separadamente, comparando-se os resultados obtidos por cada uma de per si; comparou-se o trabalho de cada uma d'ellas com a ferramenta de parque e fizeram-se finalmente todas as judiciosas experiencias que se julgaram necessarias para os relatorios da escola. Se não me engano o estudo pratico das pás do major inglez Wallace, deram um excellent resultado, notando-se-lhe uma notavel superioridade sobre a Linnemann no trabalho em terreno compacto e rijo. Assim o certificou o illustrado adjunto da escola, nos seus magnificos relatorios, publicados nos jornaes militares, e assim o asseveraram todos os nossos camaradas d'infanteria, que ahi concorreram nas primaveras de 1882-1883-1884.

Depois de todos aquelles estudos e experiencias julgámos que teriamos a satisfacção de achar mais tarde compensados, o trabalho e a boa vontade de tantos, vendo a nossa infantaria, se não munida toda com aquella ferramenta, pelo menos na secção de cada regimento e que d'este modo a instrucção se generalisasse sobre esta nova maneira de tornar o terreno defensavel.

Pura illusão! Já vão passados nove annos e a Linnemann e a Wallace jazem no esquecimento, parecendo que ninguem se lembra que sendo o fogo a verdadeira guerra dos nossos tempos e o elemento mais grandioso das guerras futuras, só ellas ou outras ajudarão os infantes isolados ou em massa a elevar as barreiras que os protejam contra os nevoeiros de chumbo e de ferro!

Sim, porque não são os grupos especiaes de sapadores com os seus pesados utensilios, que poderão com rapidez cobrir as grandes frentes de batalha.

Eu não quero porém dizer que a infantaria vá levantar os grandes intrincheiramentos ou obras de alto relevo, porque a sua missão especial é marchar e combater e não dedicar-se por completo á remoção dos escombros e da terra, mas, debaixo do fogo e nas grandes extensões (se é licito imaginar que ella se possa assim abrigar) só ella propria poderá levantar os seus muros defensivos, empregando os simples utensilios que tem á mão.

«Diz o distincto escriptor militar o ex.^{mo} sr. Xavier Machado no n.º 345 do Exercito Portuguez: «A tactica do futuro porém, repellindo por absurdas as rijas muralhas das obras permanentes, ha de pedir á terra, essa mãe legitima e natural, outros baluartes de defeza. De

terra se farão sempre os intrincheiramentos de campanha, os reductos de segurança, e por ventura de terra, máo grado haver sido o catre da morte, se edificarão de perenne as fortificações do porvir. D'ahi, a necessidade de um outro agente constructor, de uma nova funcção do trabalho, de um novo coefferente de effeito.

«Quer a realidade das cousas, e quer tambem a logica indestructivel dos factos, que uma arma só embora complementar da tactica e da guerra, seja a predestinada, principalmente a essas applicações da campanha.»

Seja assim, ponham-se de parte os grandes baluartes d'alvenaria e a missão do sapador será ainda grande na fortificação do futuro, mas o que é inegavel é que o desenvolvimento dos escudos de terra será em tão larga escala que o emprego do sapador d'officio sobre os campos de batalha se localizará ás obras de grande plano e puramente estrategicas.

Ao infante lá ficam as suas trincheiras, os seus abrigos d'atiradores, a defeza dos muros, das sebes e finalmente o levantamento rapido de todos os intrincheiramentos de batalha.

Simplifique-se a tactica d'infanteria, diminue-se o tempo de serviço, transforme-se a maneira de combater, porque é inegavel que n'esta arma a instrucção de tiro tem de ser perfeita sem que o estudo da fortificação rapida possa ser esquecido.

Isto não significa a meu ver o pedir a essa arma que se distinga e se decomponha em especialidades de serviço e de emprego, exigindo-se-lhes mais sacrificios, pelo contrario eu imagino que o ensino profissional das fortificações de batalha não deve ser especial e sim tem de acompanhar o soldado durante o tempo de permanencia na fileira, não diariamente mas nas duas melhores epochas do anno, (outomno e primavera) ensinando-se-lhe nas theorias da caserna a nomenclatura e dimensões dos utensilios.

Assim o entendeu a França e a Belgica e assim o confirmam a Allemanha, a Austria e a Russia.

A justeza e proeminencia no tiro e a acção constante das grandes massas de fogos, dificultando o ardor do emprendimento a peito descoberto em todo o campo livre, já não dão ao atacante tempo a demoradas preparações nem a delongas, mas só a pequenos abrigos d'ocasião que lhe diminuem o mais possível as perdas até ao momento decisivo e á distancia razoavel de poder attingir de prompto a posição de que se deve apoderar.

Se só as frentes pouco profundas são as admittidas e se só os rapidos movimentos d'avancar são os desejados, tambem é certo que só as ferramentas muito leves e simples, acompanhando o proprio luctador, poderão ser uteis, e se estas não podem representar o papel mal vae já do sapador de profissão.

Como na antiguidade o gladio e o escudo, assim agora a espingarda e a pá.

(Continúa.)

Miguel Garcia.
(Tenente d'infanteria)

Associação dos Atiradores Civis Portuguezes

A direcção d'esta associação pede para que toda a correspondencia lhe seja enviada para a sua nova séde na travessa da Espera, n.º 8, 1.º andar, esquina da rua de S. Roque.

CLUB DOS CAÇADORES DO PORTO

ESCOLA DE TIRO

Nos ultimos tres torneios effectuados pelos socios d'este club, sendo um de tiro á bala e dois de tiro a chumbo, houve o resultado seguinte:

Tiro a chumbo, a 3 pombos, 5 passaros e 4 espheras de vidro:

Dr. Pedro Ferreira	11	tiros bons
Albino Guimarães	11	» »
Antonio Silva	10	» »
Dr. José Ribeiro	10	» »
João Luiz Monteiro	10	» »
Antonio Santos	10	» »
Paiva Freixo	10	» »
Alfredo Vianna	9	» »
Heitor Antunes	8	» »
A. Sousa	6	» »
Correia	5	» »
Albuquerque	4	» »
Paiva	4	» »
Peixoto	4	» »
Mexia	4	» »
Fonseca	2	» »

Tiro á clavina, 10 por atirador:

Santos Pinto	48	pontos
João Andresen	42	»
M. Arantes	33	»
B. de Sá	19	»
Braga	18	»
Sousa	14	»
Capitão Arriscado	14	»
Aurelio Seara	13	»
A. Santos	12	»
Paiva	8	»
Antunes	8	»
P. M.	2	»

Tiros de ensaio:

B. de Sá, á pistola, a 30^m, contra alvos de 0,15 de diametro, de 1 até 10 valores: em 6 tiros 57 pontos.

Aurelio Seara, clavina, a 120^m, contra alvos de 0,08 de diametro: em 20 tiros 81 pontos.

Tiro a chumbo, contra 2 pombos, 3 passaros, 3 espheras de vidro, 2 espheras d'agua e 2 placas vitreas:

Santos Pinto	12	tiros bons
Dr. J. Ribeiro	12	» »
Antonio Silva	11	» »
Antonio Santos	11	» »
Carlos Albuquerque	11	» »
Dr. P. Ferreira	10	» »
Alfredo Vianna	9	» »
Arnaldo Moraes	9	» »
Baptista de Sá	8	» »
João Garcia	8	» »
Costa Arantes	8	» »
Aurelio Seara	8	» »
João Luiz Monteiro	7	» »
José Silva	6	» »
H. Antunes	6	» »
Honorio Johnston	5	» »
A. Paiva	5	» »
A. Peixoto	5	» »
A. Correia	5	» »
L. Mexia	4	» »
J. Andresen, em 4 tiros	3	» »
Amaral, em 8 tiros	3	» »

Conferiram-se dois premios particulares, offerecidos por dois socios, aos dois primeiros atiradores do ultimo torneio, cabendo o primeiro, em desempate, a Santos Pinto e o segundo ao dr. J. Ribeiro.

Depois d'este torneio, atirou á clavina B. de Sá, obtendo em 20 tiros 118 pontos.

Decorrem de cada vez mais animados estes exercicios de tiro, assim de chumbo como de bala, cujos concursos annuaes se realisarão proximamente.

A nova direcção d'este club, que ainda não funciona ha dois mezes, tem admittido até hoje 65 candidatos a socios.

Porto — Maio, 1896.

Baptista de Sá.

CARREIRA DE TIRO

No domingo, 24 do corrente, fizeram-se 1:150 tiros com a arma de guerra.

Os alvos são os que devem servir no proximo concurso e estão collocados pela seguinte forma:—N.º 1 e 2, alvo de 1,20 por 0,90, collocado a 300 metros; n.º 3, normal, a 300 metros, para ensaios; n.º 4 e 5, alvo de 1,80 por 0,90, collocado a 200 metros, para fogo de repetição; n.º 6 e 7, alvo *Gungunhana*, figura de joelhos, a 200 metros; n.º 8, alvo normal, a 100 metros.

Os alvos de n.º 1 a 7, são os do concurso; o fogo é obrigado á posição de pé, excepto no alvo *Gungunhana*, que é a vontade nas tres posições regulamentares: de pé, de joelhos ou deitado.

As percentagens foram as seguintes:

Alvos de concurso

a 200 ^m , figura	320	disparados	124	acertados
» 200 ^m , repetição	180	»	70	»
» 300 ^m ,	400	»	167	»
Total	900	»	361	»

Alvos normaes

Alvo a 100 ^m ,	20	disparados	13	acertados
» 300 ^m ,	230	»	126	»
Total	250	»	139	»

A carreira esteve muito frequentada vendo se muitos socios da *Associação dos Atiradores Civis Portuguezes, Atiradores Civis Estrela, Grupo Patria, Atheneu, Suiso*.

Distinguiram-se pelos bons agrupamentos: os srs. Portocarrero, Magalhães, T. Coelho, Hermann, A. Seixas, Freitas, W. Andrade, Pedroso, Agostinho M. Sousa, Diniz, Gil, Padesca, Rogemozer, J. Carrilho, Antunes Ribeiro, Gandara, Heitor Ferreira, Joaquim dos Santos Barbosa, J. Torres, Ligorio da Silva, H. Desmorá, Mourão, J. P. Fernandes, J. Donato.

A ESPINGARDA CEI

A *Italia militare*, no seu ultimo numero, escreve que, no arsenal de Veneza, se experimentou, perante uma comissão especial d'artilheria, a espingarda de gaz inventada pelo capitão Cei.

Este official já construiu, para a marinha de guerra italiana, algumas d'estas espingardas.

Os resultados, parece, que excederam toda a espectativa.

Uma comissão superior de marinha, em Spezzia, foi nomeada para dar parecer acerca d'este novo instrumento de guerra.

O capitão Cei partiu de Veneza para Spezzia, afim de dirigir as suas experiencias.

O DEFESO

É incontestavel que no anno que vae correndo, as auctoridades locaes tem desenvolvido desusada actividade para impedir o inveterado abuso de caçar no tempo defeso, mas é tambem uma verdade que não admite discussão, que estamos ainda longe de se cumprir a lei e de ver castigar severamente os delinquentes.

Em Lisboa, por exemplo, não é difficil comer perdiz tres ou quatro vezes por semana, e o abuso chega a ponto de pelas ruas seguirem serenamente os portadores da caça que não devia ter sido morta n'esta epocha.

Alguna cousa se tem conseguido, é certo, mas tão pouco que muito resta ainda que fazer. Appellamos, pois, para os interessados e pedimos-lhe que nos indiquem os locaes onde o abuso se dá para chamarmos para elle a attenção das auctoridades respectivas. Sósinhos difficilmente conseguiremos o nosso intento.

A FORÇA DAS ESPINGARDAS

QUAL é a espingarda de mais força? E' pergunta que todos os caçadores inevitavelmente fazem em presença da diversidade dos calibres e dos systems usados nas armas de caça, quando não tem querido recorrer á theoria, ou quando são principiantes.

Tanto uns como outros não teriam difficuldade alguma em formular opinião exacta e clara a respeito da força das espingardas, se quizessem começar por fixar as idéas sobre os seguintes pontos, cuja demonstração tem sido feita experimentalmente.

Doseando convenientemente a carga de polvora, pôde dar-se aos chumbos a mesma velocidade em qualquer espingarda, isto é seja qual fôr o calibre, o systema de obturação e até o comprimento dos canos, enquanto não estão reduzidos de modo exagerado.

Esta velocidade assegura aos chumbos, especialmente aos grossos e aos médios, energia sufficiente para produzir a morte muito além dos alcances ordinarios.

Assim, até 50 metros, o n.º 6 de velocidade normal, parte certamente os ossos da caça a que se atira com este chumbo e penetra ainda nas carnes até 100 metros.

Não é pois, não nos cançaremos de o repetir, a força que falta mais depressa aos chumbos para actuarem effizacmente; é a dispersão que cresce muito rapidamente e que faz com que a partir d'uma distancia bastante proxima, a caça escape indemne atravez dos espaços entre os chumbos, ou seja francamente tocada.

A dispersão é independente do calibre e do peso da carga, isto é, seja qual fôr a quantidade de chumbo, cada grão conserva as mesmas probabilidades de desvio.

Dois canos lisos, um de 12 e outro de 24, por exemplo, disparando com chumbo n.º 2, collocarão um e outro a 20 metros 75 % do numero de grãos que constituem a sua carga n'um circulo de 0^m.59 de diametro, mas 75 % da carga de 24 representa numero de grãos muito mais consideravel do que 75 % da carga de 24. A 30 metros, os 75 % das duas cargas estarão ainda contidos n'um circulo da mesma dimensão para os dois calibres mas tendo o diametro de 0^m.94.

Em summa, em todos os calibres, o feixe de chumbos, alargando-se á proporção que se affasta do cano, conserva uma densidade que vae crescendo do exterior para o centro.

Quanto mais o calibre auctorisar o emprego de grande quantidade de chumbo, maior densidade para o centro do feixe haverá e por mais tempo os grãos ficarão bastante approximados na zona central para não deixar escapar a peça visada.

N'estas condicções, o meio do feixe do calibre 12, por exemplo, poderá a uma dada distancia offerer concentração sufficiente para derrubar com segurança tal ou tal peça, quando ha muito tempo os chumbos da mesma zona no calibre 24 não estarão bastante approximados para produzirem o mesmo effeito.

E' por isso que dizemos que o circulo mortifero se reduz muito mais depressa nos pequenos calibres do que nos grandes.

Finalmente é preciso observar que o effeito mortifero dos chumbos depende do seu peso e velocidade no momento do choque, velocidade que se conserva

tanto mais tempo quanto mais grossos são os chumbos.

Estes dois ultimos elementos da força das espingardas, (tamanho e velocidade dos chumbos) podem tornar-se iguaes n'um cano qualquer e por outro lado a dispersão sendo independente dos calibres, não resta como elemento susceptivel de fazer variar a força das espingardas senão a quantidade de chumbo que podem lançar, visto que o numero de grãos que atinge o alvo é proporcional ao numero total dos grãos da carga.

Somos então levados a concluir que a espingarda de mais força sob o ponto de vista do tiro de chumbo, é aquella cujo calibre permite lançar com velocidade normal a maior quantidade de grãos.

A força das espingardas de caça reduz-se em definitivo a uma simples questão de calibre.

A espingarda mais forte é naturalmente aquella que tem maior alcance, visto que o limite do alcance effizaz é aquelle em que os chumbos, conservando sufficiente velocidade, ficam ainda bastante approximados para derrubar a peça visada.

Eis um exemplo do augmento de alcance que produz o augmento de calibre.

Se com um 16 normalmente carregado com 30 grammas de chumbo n.º 2 temos a probabilidade de collocar grãos no corpo d'uma lebre a 40 metros, a mesma probabilidade existirá a 55 metros com uma espingarda de maior calibre (uma pateira por exemplo que tem carga dupla).

(Continúa.)

Os dez mandamentos do caçador ao seu cão

- 1.º Terás boa volta.
- 2.º Caçarás com ardor e com intelligencia.
- 3.º Caçarás a ventos.
- 4.º Marrarás a caça assim que te cheirar.
- 5.º Seguirás as perdizes, que forem a pés, lenta e prudentemente.
- 6.º Nunca romperás a mostra nem perseguirás a caça que fugir.
- 7.º Deitar-te-has e não mais bulirás.
- 8.º Buscarás a caça morta, mas só depois do teu dono te mandar.
- 9.º A teu dono levarás lebre ou perdiz sem os dentes lhe cravar.
- 10.º Se tudo isto executares serás um cão perfeito.

A BAYONNETA LEBEL

A bayonnetta da espingarda Lebel de tão terrivel aspecto pela sua lamina delgada e aguda, é menos perigosa do que as largas bayonnetas triangulares d'outro tempo.

Verificou-se que não perfurava sempre o intestino e que, quando causava a grave desordem de atravessar este orgão, a cura se fazia rapidamente, graças á pequena dimensão das lesões.

Um exemplo muito curioso, é indicado pelo serviço de saude. Um reservista do 214.º do exercito francez tendo prefurado o ventre a 17 d'outubro ultimo, n'um assalto simulado, não foi tratado logo; a 20 notava-se melhora, a 21 comia um ovo, a 30 sahia do hospital completamente curado.

APPLICAÇÃO DA ELECTRICIDADE

Na guarda prussiana experimentou-se para os tiros de noite um apparelho de iluminação instantanea, por meio d'uma pequena lampada electrica destinada a illuminar o terreno na frente do atirador.

O apparelho fixa-se na coronha da espingarda. O movimento da arma produz a luz; logo que se dá o tiro, a projecção electrica cessa e as trevas protegem o atirador contra o adversario.

Um regimento de Berlim fará este verão experiencias destinadas a apreciar o valor pratico d'este invento.

DESAFIO DE TIRO Á BALA

BATERAM-SE com o maior entusiasmo, com o mais vivo ardimento, os dois grupos desafiados para o *match* de tiro á bala, de que faz menção o n.º 64 d'este utilissimo semanario.

Contra o que era d'esperar, contra a expectativa, mesmo dos solteiros, que, francamente, não contaram nunca sahirem vencedores n'este *certamen*, porque de mais reconheciam a superioridade de forças do grupo dos casados, foram estes — que horror, Santo Deus! — vencidos por aquelles, que fizeram mais a insignificancia de sete pontos em vinte e cinco tiros disparados!

Mas venceram, e d'isso se ufanam agora em toda a parte como se tivessem mettido uma lança em Africa!

Mas porque venceram elles? Porque, por infelicidade nossa, dos casados, foi admittido em nosso grupo um viuvo, um descaçado nos exercicios de tiro ao alvo. Que milagre!

Eu, por deferencia ás suas bellas qualidades, não lavrei desde logo o meu protesto contra a sua admissão no nosso numero; e se falo n'isso agora, é para que o grupo dos solteiros fique certo de que o nosso infeliz successo se deve unica e simplesmente á falta d'exercicio do meu velho amigo e distincto caçador Manoel José da Costa Arantes.

Tivesse-se elle ensaiado e veriam o que d'alli sahia.

Cuida se d'organisar agora outros dois grupos d'atiradores para novo desafio, um constituído d'inglezes e outro de portuguezes. Se o meu amigo e confrade Arantes tiver de pertencer áquelle de que eu acaso faça parte, oxalá que o decadente atirador não continue a deixar de fazer exercicios repetidos de firmeza e pontaria, para que não volte a deixarnos ficar mal.

Um premio que offereci para o *match* foi confidero, em desempate com Alfredo Vianna, ao sr. Wandschneider.

Nota do torneio, em 5 tiros, com clavinhas Colt's, 32, a 60 metros, contra alvos de 0^m.8 de diametro:

Grupo dos solteiros

Wandschneider, 10.10.10.7.9.....	46
Alfredo Vianna, 10.10.9.9.8.....	46
Fritz Heye, 8.7.9.8.9.....	41
Georg Dagg, 8.9.7.8.7.....	39
Guilherme Andresen, 9.9.7.4.9.....	38
Total.....	210

Grupo dos casados

Alberto Andresen, 10.10.9.8.7.....	44
João Andresen, 10.9.9.8.7.....	43
Baptista de Sá, 6.10.10.8.9.....	43
Alberto Figueiredo, 9.7.7.7.10.....	40
Costa Arantes, 6.10.4.5.8.....	33
Total.....	203

Depois fez-se uma *poule* entre os mesmos cavalheiros com excepção dos srs. Alberto e Guilherme Andresen, por se terem retirado, ganhando o primeiro bolo o sr. Georg Dagg, o segundo Baptista de Sá e o terceiro o sr. João Andresen.

E até á proxima semana, se estiverem para isso.

Porto, maio 24 de 96.

Baptista de Sá.

NOVO ARMAMENTO ITALIANO

O ministro da guerra da Italia deu ordem para que a espingarda e carbina modelo de 1871 seja distribuida antes do 1.º de junho proximo, e para o effectivo em pé de paz, a todos os regimentos de linha, de bersaglieri e de granadeiros, aos alpinos, aos regimentos de cavallaria e de artilheria de montanha; todas as tropas deverão exercitar-se com as novas armas.

O fabrico do armamento de pequeno calibre será feito de tal modo que o effectivo em pé de guerra de todo o exercito de primeira linha possa estar armado antes do 1.º de julho de 1897.

LEGISLAÇÃO SOBRE O TIRO

REGULAMENTO PROVISORIO

DA

CARREIRA DE TIRO

DA

ESCOLA DO EXERCITO

Approvado pelo conselho de instrucção da mesma escola

(Continuado do n.º 64)

CAPITULO II

Das condições de segurança e policia da carreira de tiro

Art. 18.º — Além dos artigos designados pelos regulamentos geraes, o marcador terá no abrigo duas bandeiras de signaes: uma encarnada e outra branca; mostrará a bandeira encarnada para indicar que pode começar o fogo: mostrará a bandeira branca sempre que se torne necessario interromper o fogo por ser indispensavel proceder a concertos no alvo, ou por quaesquer motivos imprevistos.

Emquanto não houver telephone, os signaes de começar e cessar fogo serão transmitidos por toques de corneta ao marcador, que responderá com as bandeiras, como fica dito, sem o que não será permitido atirar.

Antes de começar o fogo será sempre arvorada, no extremo sul da carreira, uma bandeira encarnada, que se conservará enquanto durar a sessão.

Art. 19.º — Nenhunas obras especiaes, ou modificações na sua disposição geral, poderão ser feitas sem previa consulta da commissão de segurança da carreira.

CAPITULO III

Do material da carreira de tiro

Art. 20.º — Em harmonia com a doutrina do artigo 4.º, o material da carreira de tiro será classificado em dois grupos:

a) Material destinado á instrucção elementar e especial do tiro.

b) Material pertencente ao gabinete da 6.ª cadeira;

O material do grupo a) pertence á 2.ª cadeira e como tal ficará sob a immediata responsabilidade do respectivo lente.

O material do grupo b) será registado em um inventario especial e comprehenderá todos os instrumentos que a escola possua actualmente com applicação immediata aos estudos da 6.ª cadeira. A conservação d'este material é da exclusiva responsabilidade do lente da cadeira a que pertence.

A commissão de que trata o artigo 3.º decidirá qual o numero e especie de artigos igualmente

te applicaveis ás cadeiras 2.ª e 6.ª, providenciando acerca d'elles como julgar conveniente.

Art. 21.º — Além do material de tiro regulamentado para as carreiras dos corpos do exercito a carreira de tiro da escola possuirá os artigos que constituem o seu material particular, e que serão essencialmente os seguintes:

Cavelete para tiros balísticos e tiro de precisão;

Alvos normaes de 2^m x 2^m, em numero que a instrucção exigir;

Moldes de madeira para traçar sobre os alvos normaes as figuras dos atiradores nas diversas posições regulamentares.

Uma relação adequada mostrará circunstanciadamente o numero, qualidade e estado dos artigos de material empregado na instrucção geral do tiro.

CAPITULO IV

Da instrucção e classificação dos atiradores

Art. 22.º — A instrucção do tiro na carreira da escola comprehenderá duas phases distinctas: o tiro elementar e o tiro especial.

A instrucção do tiro elementar será dada exclusivamente aos alumnos do curso geral; a do tiro especial será ministrada aos alumnos dos diversos cursos, não só enquanto frequentarem a 2.ª cadeira mas ainda enquanto se conservarem na escola, em harmonia com a distribuição dos serviços approvados superiormente.

O methodo de ensino será o que se achar prescripto para a instrucção das praças dos corpos do exercito no competente regulamento de tiro.

Art. 23.º — A classificação dos atiradores será feita pelo numero de balas que ás diversas distancias da carreira tiverem acertado no alvo regulamentar durante o periodo completo da instrucção.

(Continúa.)

O ROUXINOL

ASSIM como tudo quanto é celebridade, o rouxinol tem sido objecto das lendas as mais i verosimeis tanto dos auctores antigos como modernos.

Plinio que em casos taes, sempre tem que ser citado, refere que o filho do imperador Claudio tinha rouxinoes que conversavam em grego e em latim. Outros attribuindo-lhes principios inflexiveis, accusam a pobre ave de matar os filhos que não tem talento para o canto.

— Que pensar da fabula que dá á vibora e ao sapo o poder de fascinar o rouxinol, a ponto tal que este, perdendo insensivelmente a voz, acaba por cair na guela do reptil?

Não é preciso inventar para encontrar interesse e não é já surprehendente que uma ave tão pequena tenha tanta força nos órgãos da voz, que eguala em intensidade a do homem!

Qual de nós não se recorda, d'uma bella noite de primavera, em que estando o céu sereno, se sentisse arrebatado, captivado, pelas melodias d'este cantor incomparavel?

O canto do rouxinol distingue-se completamente do das outras aves. O rouxinol excede todas pela reunião completa dos seus diversos talentos e pela prodigiosa variedade dos seus gorgeios. E' de primeira força em todos os generos, o seu canto é symphonia fecunda em recursos variados, inexgotaveis. Como verdadeiro artista parece ouvir-se a si proprio e escutar o echo das suas melodias.

Sendo essencialmente viajante, é no começo da primavera que apparece; primeiro os machos, isoladamente, como se viessem escolher habitação; alguns dias depois as femeas e o pequeno povo alado divide-se em casaes.

São casamentos d'artistas; no fim de abril constroem o ninho á pressa; a fema choca ordinariamente com paixão quatro ou cinco ovos côr d'azeitona; não larga a sua maternal occupação senão ao

fim do dia e durante alguns instantes para comer insectos e vermes. Empoleirado n'um ramo proximo do ninho, o pae parece guardar o precioso deposito e chegada a noite, delicia a companheira com o seu canto melodioso. O dia passa-o caçando ou dormindo, porque dorme não obstante o que dizem, sonha até gorgelando a meia voz.

Na ave livre, o canto desaparece com o amor; logo que os filhos começam a experimentar as azas, o pae trata seriamente das necessidades da vida; tem peso de familia, portanto não mais cantos; a caça aos insectos e aos vermes occupa-o todo o dia. Todos, os novos principalmente, devem adquirir forças para emigrar para os paizes do sol, Egypto Oriente e Syria.

Os rouxinoes captivos cantam todo o anno, algumas vezes de noite, mas geralmente de manhã ao nascer do sol. A maneira de os crear e tratar tem grande influencia na duração e vigor do canto.

Buffon descreve o rouxinol captivo do seguinte modo:

«Um creado de genio difficil e de que não se obtem o serviço desejado senão amenisando-lhe o character; a alegria não se decreta, menos ainda os cantos que ella inspira; se querem que o rouxinol captivo cante, é preciso tratá-lo na prisão, pintar as paredes da côr dos bosques, rodeal-o de folhagem; deitar-lhe musgo aos pés, resguardal-o do frio, e das visitas importunas; n'uma palavra, é preciso illudil-o no captivo e diligenciar tornal-o tão suave quanto possível.»

Será preciso dizer que sendo o rouxinol insectivoro é util auxiliar da agricultura? Mas o seu talento bastaria para o tornar sagrado.

Pois tem a sorte de todas as avezinhas que nos prestam serviços inapreciaveis tão gratuitos quão mal recompensados. A espingarda não é bastante mortifera, fazem-lhe armadilhas de todas as especies e assim o homem persegue os seus amigos tão encantadores como indispensaveis.

E todas as armadilhas são boas para os rouxinoes, são curiosos, pouco desconfiados embora tímidos, admiram tudo e são victimas muitas vezes.

Apparecem tantos entre os assados com que é uso encher as mesas!

Se calcularmos, pelo mais baixo, quantos moios de trigo, toneis de vinho e de azeite serão presa dos insectos, graças á destruição dos unicos seres capazes de os exterminar, ficamos admirados do valor d'um assado d'estas pobres victimas.

Lucullo, em toda a sua gloria, nunca deu jantares tão caros e para encontrar exemplo de tal luxo, seria preciso referirmos-nos á famosa perola de Cleopatra.

E. Salmon.

BIBLIOGRAPHIA

RECEBEMOS e agradecemos as seguintes publicações:

Gazette des Carabiniers Suisses, n.º 21, de 23 de maio de 1896.

Le Tir National, n.º 21, de 23 de maio de 1896.

Branco e Negro, n.º 8, de 24 de maio de 1896.

Editor responsavel—MANUEL AUGUSTO PINTO

Typ. do Commercio de Portugal—35, R. Ivens, 41.